

O AUTOR

Rogério ChristofolettiProfessor de Legislação e Ética em Jornalismo na
Universidade do Vale do Itajaí (Univali).*E-mail:* rogeriochristofoletti@bol.com.br

ÉTICA E CINEMA: NOTAS SOBRE UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA

A utilização de obras cinematográficas em vídeo como recurso pedagógico para a discussão de temas da ética jornalística

A relação do homem com o conhecimento foi totalmente alterada com a intervenção dos meios de comunicação de massa. O desenvolvimento das tecnologias de impressão, a difusão massiva das idéias em meios eletrônicos e a mais recente digitalização dos dados acarretam profundas modificações no cotidiano mais prosaico dos seres humanos. Deste ambiente, a relação ensino-aprendizagem não escapou, e as mais ruidosas discussões acerca da educação a distância ilustram esta tendência. No entanto, o que quero discutir aqui é o uso que se pode fazer de um recurso tecnológico hoje muito difundido – as fitas de vídeo – no ambiente tradicional da sala de aula: como esta mídia pode servir de acessório às exposições teóricas dos professores, como

pode funcionar como ponto de partida para debates e discussões e como pode ser usada a título de ilustração de questões mais abstratas.

Advirto que irei me referir única e exclusivamente às experiências que venho desenvolvendo com tal recurso na disciplina de Legislação e Ética em Jornalismo, no curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade do Vale do Itajaí (Univali), em Santa Catarina. Ressalto ainda que as considerações a seguir não constituem uma pesquisa formal na área, mas notas para uma investigação posterior. Não seria demais dizer também que este artigo pretende – além de alinhar minhas reflexões sobre o tema e de dividir angústias com meus leitores – trazer contribuições à prática de ensino da ética como disciplina jornalística.

EXPERIÊNCIA, MÉTODO E RESULTADOS

Particularmente, venho trabalhando há dois semestres com uma atividade que vem se revelando bastante positiva em seus resultados e que, por esta razão, merece menção e reflexão. Trata-se do uso do cinema, por meio de fitas de vídeo, como recurso auxiliar das aulas.

É evidente que esta prática não é original ou revolucionária, já que muitos educadores lançam mão do videocassete como instrumento, apesar de o vídeo ser mais usado no Brasil para “fins de treinamento de pessoal, em organizações industriais e comerciais do que nas escolas”, conforme destaca Pfromm Netto¹. Entretanto, o uso que faço não se restringe a sessões de filmes durante as aulas, mas enquanto elemento de revisão dos tópicos, catalisador das discussões e ilustrativo de temas mais complexos.

Na Univali, instituição onde atuo, a disciplina de Legislação e Ética em Jornalismo é oferecida aos alunos logo no primeiro semestre. E o que poderia ser um complicador – uma certa imaturidade e inexperiência profissional dos calouros –, vem se constituindo um fator importante no desenvolvimento da matéria, já que, para os alunos, tal disciplina tem sido seu primeiro contato com as condições, os conflitos e os dilemas da profissão. É do que dão conta relatos espontâneos do tipo “num semestre de tanta teoria, foi na Legislação e Ética em Jornalismo que estivemos mais próximos do mundo real dos jornalistas”².



American Showcase

Logo nas primeiras aulas, distribuí uma lista de vinte sugestões de filmes para que os alunos assistissem às fitas em casa. Em todas elas, algumas personagens se depararam com situações em que os valores éticos são colocados em xeque, suas condutas são avaliadas por terceiros ou suas ações podem interferir diretamente no rumo dos acontecimentos. A lista de filmes é acompanhada das instruções para o desenvolvimento de um trabalho a ser entregue no segundo bimestre da disciplina, quando a maior parte do conteúdo já tiver sido observada. O texto das orientações sobre o trabalho é o que vem a seguir:

1. PFROMM NETTO, Samuel. *Telas que ensinam – Mídia e aprendizagem: do cinema ao computador*. Campinas: Editora Alínea, 1998. p. 102.

2. Do aluno C.G., 1º semestre de 2000.

Questões de ética no jornalismo podem ser observadas a todo momento na imprensa, bem como em outras formas de representação.

Abaixo, você tem algumas sugestões de filmes em vídeo, onde são discutidos aspectos e dilemas éticos envolvendo jornalistas. Em cada enredo, em cada história, sempre há pelo menos uma situação a ser refletida. Escolha um ou mais dos filmes sugeridos e faça um texto discutindo:

- Qual é o dilema ético em questão?
- Como agem as personagens nesta situação? Esta foi a melhor saída?
- E se fosse você? De que forma reagiria? Faria como a personagem?

Assista ao filme de forma diferente, prestando atenção não apenas à trama em si, mas também ao comportamento ético das personagens, e perceba a discussão que o filme está propondo. Faça uma análise aprofundada e um texto claro, coeso e coerente.

EXERCÍCIO DE PROJEÇÃO

A proposição segue as direções daquilo que chamo em aula de “exercício de projeção”, isto é, o aluno analisa a situação em que a personagem está inserida e tenta se colocar na pele dela, considerando as condições, os valores éticos e as injunções a que se pode estar submetido.

A primeira questão do trabalho objetiva a identificação do dilema ético no filme. Tal observação tem como ponto de partida os tópicos dados em aula, como o direito à informação, a omissão dos jor-

nalistas, a censura, o sigilo das fontes, o respeito à privacidade, a prioridade do interesse público, a busca da objetividade na tradução jornalística do mundo para o público consumidor.

A segunda questão do exercício solicita um julgamento prévio acerca das ações das personagens: foi a melhor saída? Este é um segundo passo no processo de avaliação, quando – além da situação de questionamento ético – a conduta profissional passa a ser verificada. A terceira pergunta avança, trazendo o conflito ético para o universo de ação do aluno, motivando-o a refletir sobre as suas reações naquele contexto sob a condição de jornalista.

Juntas, as questões propostas constituem um roteiro de leitura dos filmes sugeridos. O aluno não vai apenas ater-se ao enredo envolvente e à *performance* dos atores, mas deve despertar sua atenção para a discussão ética de fundo que tais tramas apresentam. É a busca de uma outra forma de assistir à história, um outro olhar na observação de uma narrativa, evidentemente mais orientado para a prática de ensino de Legislação e Ética em Jornalismo.

Neste exercício, são escolhidos como critérios de avaliação a satisfação às perguntas, a consistência dos argumentos apresentados no texto, o aprofundamento da discussão, o envolvimento de tópicos já estudados e a clareza do texto. A possibilidade de escolha que o aluno tem diante da lista também é outro fator que garante certa liberdade para que o educando se sinta à vontade e permita-se pensar sobre os temas.

Por não se tratar de uma pesquisa formal, mas de um experimento empírico dos

últimos dois semestres, este exercício não tem uma aferição precisa dos resultados que vem colhendo. Não há uma consulta direta aos alunos sobre a relevância e influência que esta atividade exerce no conteúdo global da disciplina. Entretanto, em outra ocasião³, puderam ser colhidos enunciados que ajudam a discernir alguns indicativos. Repetiram-se discursos do tipo “o exercício dos vídeos ajudou a entender os temas mais abstratos e difíceis” ou “assuntos do cotidiano, filmes e programas enriqueciam os encontros e contribuíram para o crescimento de uma consciência com ética”, conforme relata o aluno J.A R.V., do primeiro semestre de 2000.

O aspecto motivacional é outro ponto que pode ser mobilizado com o uso de tramas cinematográficas para a discussão de dilemas éticos. Com este recurso, o educador pode ir muito além da apresentação expositiva dos tópicos em aula, fomentando o debate a partir das cenas dos filmes e aprofundando as questões com os alunos. Recorrendo às fitas de vídeo, o educador tem ali um instrumento concreto de ilustração de algumas situações de conflito ético e ponto de partida para julgamento e verificação de condutas profissionais em determinados contextos. À medida que as fitas são assistidas em casa pelos alunos, nos debates em aula os temas são acionados pelo professor que reforça alguns conflitos, citando os filmes em que aparecem claramente, e estimulando aqueles que ainda não assistiram a eles que o façam.

Num primeiro momento, a motivação envolve os alunos, concentrando-os nos debates específicos dos temas, mas depois, estende-se na leitura e identificação de questões éticas em outros contextos.

Como se o olhar do aluno passasse por um treinamento que lhe permitisse visualizar, com mais clareza e nitidez, os conflitos subjacentes aos episódios.

De acordo com Sá⁴, o cinema – como expressão de arte e informação – pode ser considerado instrumento de educação do ponto de vista técnico, artístico e cultural. “Sua técnica amplia a visão de conjunto da realidade; permite ilustrar com novo vigor a literatura, a história, a ciência, etc.; desenvolve o campo das pesquisas e do jornalismo; amplia o campo das influências subliminares. Sendo uma arte, exerce grande poder sugestivo sobre a imaginação; abre novos horizontes sobre todos os campos da cultura especializada e científica, social e educacional, religiosa e filosófica, literária e artística, política e universal”⁵.

Neste sentido, e conforme a mesma autora, os temas que são observados em algumas obras não servem apenas como ilustração aos tópicos dados em aula, mas “permitem um *diálogo* altamente educativo” com os alunos, possibilitando ainda “um *aprofundamento* cultural, *uma orientação* da inteligência”⁶. Fatos que corro-

3. Durante um exercício que solicita uma avaliação da trajetória do aluno na disciplina.

4. SÁ, Irene Tavares de. **Cinema e educação**. Rio de Janeiro: AGIR, 1967.

5. SÁ, Irene Tavares de. **Cinema...** *op. cit.* p. 20.

6. SÁ, Irene Tavares de. **Cinema...** *op. cit.* p. 21.

boram os resultados que vimos colhendo nesta experiência pedagógica.

É evidente que os filmes sugeridos no exercício não podem ser classificados como educativos, pois não são documentários ou peças produzidas com este objetivo. São narrativas de ficção, muitas vezes bem distantes de uma realidade como a nacional. No entanto, o *uso* que se faz destes filmes é *educativo*; busca assessorar a formação ético-profissional dos alunos; intenciona contribuir para o alargamento da visão do futuro profissional e para o aprofundamento de seu campo de visibilidade. Neste sentido, cabe aqui citar Bendick, reforçando as ressalvas que acabei de fazer: “Os filmes educativos registram as coisas que aprendemos a respeito do mundo. Podem mostrar claramente, em poucos minutos, fenômenos que o professor levaria horas para explicar, ou que o leitor levaria dias para ler nos livros. Para muitos é mais fácil aprender numa fita do que com o professor ou por meio de livros, pela simples razão de que, na fita, verão os fatos se desenrolarem diante dos olhos”⁷.

Como a mídia de veiculação destas obras cinematográficas é a fita cassete para vídeo, convém também apontar as características deste meio que contribuem para seu uso favorável no processo de ensino-aprendizagem. O vídeo concentra diversas vantagens que antes já eram oferecidas por outros meios: “Reúne a conveniência e a acessibilidade dos *slides*; o som, a imagem, a ação e a emoção dos filmes cinematográficos; a gravação simples, a reprodução instantânea e o apaga-

mento da fita de áudio; e a ampliação, a multiplicação, a extensão e o imediatismo da televisão em circuito fechado”⁸.

É importante dizer que, tanto na experiência que vimos tendo quanto em outras relatadas, o vídeo é sempre usado como instrumento acessório às práticas convencionais de ensino.

Entretanto, se a natureza de sua utilização é auxiliar, não se quer dizer que seja menos importante ou superficial. Até porque o uso destas fitas é articulado com outros recursos, como debates e discussões programáticas, o que confere ao vídeo um estatuto de importância fundamental tanto como veículo de ilustração quanto como motivador das discussões posteriores. Em nossa experiência, parece imprescindível também a intervenção do educador, quando propõe um roteiro de leitura para os filmes. Sem isso, sem uma precisa pontuação do que se quer pedagogicamente, a atividade pode não alcançar os resultados esperados.

FILMES E QUESTÕES ÉTICAS

O crítico Paulo Emílio Sales Gomes afirmava que “qualquer filme exprime ao seu jeito muito do tempo em que foi realizado”⁹. Entendendo a afirmativa como uma advertência, o educador que lança mão do cinema e do vídeo como instru-

7. BENDICK, Jeanne. **O cinema por dentro**. São Paulo: Melhoramentos, s/d. p. 104.

8. PFROMM NETTO, Samuel. **Telas que ensinam ...op. cit.** p. 103-104.

9. GOMES, Paulo Emílio Sales. **Cinema: trajetória no subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 106.

mentos de ensino deve também preocupar-se em estabelecer critérios claros para a escolha dos filmes que serão sugeridos.

O primeiro quesito (e o mais óbvio deles) se refere ao fato de que as histórias devem conter personagens que são jornalistas ou que lidam com estes profissionais, e que estão em posições conflituosas em termos éticos. Significa dizer que estas situações se constituem quando convicções pessoais chocam-se com valores universais, com princípios profissionais e com demandas mercadológicas.

Os dilemas éticos nascem da tensão entre a dimensão pessoal ética e o plano social de conduta.

O que nos leva diretamente a um segundo critério: as sugestões não devem se restringir apenas aos exemplos de condutas recomendáveis aos profissionais. Fitas que trazem desvios dos princípios do jornalismo, transgressões morais ou mesmo infrações do ponto de vista legal são importantes na medida em que servem de sinalização de limites éticos. Estes exemplos precisam ser apontados e problematizados pelo educador, que deve desafiar os alunos a buscar saídas alternativas que alcançariam resultados positivos mantendo a atuação ética dos profissionais. O cotidiano do jornalista não oferece somente bons exemplos, e a apresentação deste “outro lado” ajuda a desmitificar a profissão e seu exercício.

Um terceiro critério de escolha para os filmes deve ser a possibilidade de o enredo ser problematizado, admitindo

questionamentos e contestações: o filme deve ser usado mesmo como ponto de partida para mais debates, para o aprofundamento da questão. A história da fita não vai definir padrões de conduta a serem seguidos, mas as próprias discussões em sala de aula vão dar estes indicativos.

Neste sentido, temas como o sensacionalismo e a tendência de transformação dos fatos em espetáculos podem ser explorados com o já clássico *A montanha dos sete abutres* (1951), no qual a conduta do protagonista pode ser avaliada com muita clareza. Quase 50 anos depois, uma outra história – *O quarto poder* (1997) – enfoca questões muito semelhantes, quando um repórter decadente tenta se reabilitar amplificando o desespero de um recém-desempregado que mantém crianças como reféns num museu. A partir de filmes como este, pode-se passar à crítica aos meios de comunicação e à própria discussão do papel do jornalista diante dos fatos e seu envolvimento pessoal com as fontes. Pode assistir-se a *Terra em transe* (1967), *Herói por acidente* (1992), *Crime verdadeiro* (1998) e *O dossiê pelicano* (1993). Dois bons exemplos de postura ética dos jornalistas frente às demandas de sua profissão são *A síndrome da China* (1979) e *Todos os homens do presidente* (1976).

Por outro lado, casos em que os profissionais ultrapassam os limites da ética em favor próprio ou de terceiros podem ser vistos em outras produções, disponíveis em vídeo: em *Nos bastidores da notícia* (1987). Neste filme, o educador pode levantar indagações sobre o problema da manipulação da informação, sobre a edição muitas vezes criminosa; o que também pode ser observado em *Um grito no*

escuro (1980), *Ausência de malícia* (1981) e *Mera coincidência* (1997), exemplos nos quais a manipulação da opinião pública é tema central.

Entre os abusos da mídia, o tema da falta de privacidade das pessoas comuns pode ser visto em *O show de Truman* (1998) e em *A morte ao vivo* (1980); e a discussão sobre a concentração dos meios de comunicação, os oligopólios e a padronização do noticiário, em *Cidadão Kane* (1941). Assuntos mais genéricos como censura e liberdade de imprensa podem ser mobilizados com produções como *O povo versus Larry Flint* (1996) e *Páginas da revolução* (1994).

Uma lista numerosa poderia somar mais alguns exemplos de como o cinema

tem se concentrado nos meios de comunicação para contar suas histórias e de como a mídia vem sendo alvo de críticas sobre seus procedimentos. Podemos citar ainda *A fogueira das vaidades* (1990), *A primeira página* (1974), *Em defesa da verdade* (1985), *O jornal* (1994), *O repórter* (1986) e o brasileiro *Doces poderes* (1996). Entretanto, na elaboração de uma lista de sugestões, o educador precisa levar em conta as diretrizes de seu conteúdo programático, as orientações que a disciplina estiver seguindo no seu desenvolvimento com aquela turma e, o que é também imprescindível, as inquietudes manifestadas por seus alunos durante as aulas.

Resumo: Este artigo pretende apresentar algumas considerações acerca de uma experiência de ensino desenvolvida no curso de Comunicação Social – Jornalismo na Universidade do Vale do Itajaí (Univali), em Santa Catarina, para a disciplina Legislação e Ética em Jornalismo. Trata-se da utilização de obras cinematográficas, disponíveis em fitas de vídeo, como recurso pedagógico para a discussão de temas e dilemas da ética jornalística. A atividade consiste na assistência das obras seguindo uma leitura orientada pelo professor, enfocando assuntos e questões fundamentais para uma discussão dos procedimentos e condutas éticas dos profissionais do jornalismo. As fitas em vídeo funcionam como pontos de partida para os debates dirigidos em sala de aula, além de oferecer elementos de motivação na relação ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: ética, jornalismo, cinema, educação, didática, vídeo

(Ethics and the cinema: notes on a didactic experience)

Abstract: This article intends to show a few considerations regarding a teaching experience carried out in the Social Communications – Journalism course at the Universidade do Vale do Itajaí (Univali), in Santa Catarina, during the Legislation and Ethics in Journalism class. The experience involved using cinematographic work, available on videotape, as a teaching resource for the discussion of themes and dilemmas related to journalistic ethics. The activity consists in watching the tapes according to reading optics instructed by the professor, focusing on subjects and matters that are fundamental for a discussion on the procedures and ethical conduct of journalism professionals. The videotapes serve as starting points for the debates that are done in the classroom, and offer motivational elements for the teaching-learning relationship.

Key words: ethics, journalism, cinema, education, didactics